

A âncora da popularidade

Em meio à crise política, aquecimento da economia ajuda FH a recuperar aprovação popular

Carter Anderson

Depois de dois anos amargando altas taxas de rejeição e em meio à crise política provocada pelas denúncias de corrupção contra o governo feitas pelo ex-aliado Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), o presidente Fernando Henrique começa a ter boas notícias dos institutos de opinião, conseguindo voltar aos níveis de aprovação que tinha em 98, quando foi reeleito. Para explicar a aparente contradição, cientistas políticos e especialistas em pesquisas afirmam que os sinais de aquecimento da economia foram fundamentais para que o governo voltasse a saborear desde o fim do ano passado um crescimento contínuo de suas taxas de aprovação, segundo as pesquisas Ibope/CNI e Instituto Sensus/CNT realizadas este mês e divulgadas semana passada. Mas alertam: ainda é preciso superar obstáculos, econômicos e políticos, para que a tendência se mantenha.

— A recuperação dos indicadores econômicos tinham que se refletir nas pesquisas. Mas o presidente tem muitos problemas. Ele não tem bons operadores políticos e por isso pre-

cisa se envolver diretamente em negociações, como as que impediram a CPI da Corrupção. Isso desgasta sua imagem — diz a cientista política Lúcia Hipólito, para quem o presidente está na obrigação de esclarecer as denúncias de irregularidades na máquina pública.

— Não basta barrar a CPI. O passo seguinte é investigar. A extinção da Sudam tem que ir adiante. A extinção da Sudene, também — diz.

“O importante é convencer a opinião pública que não há conivência”

O cientista político Cesar Romero Jacob, da PUC-RJ, concorda com Lúcia e lembra que as cobranças pelo esclarecimento dessas denúncias começaram a ganhar as ruas semana passada, com as passeatas de estudantes em Minas Gerais, São Paulo e outras capitais, e a adesão de instituições como a CNBB e a OAB:

— O governo está na defensiva e pode perder a batalha da ética. O importante é convencer a opinião pública que não há conivência. Afinal, segundo o Ibope, 87% dos entrevistados acham que há corrupção no governo.

Já para o diretor do Ibope, Carlos Augusto Montenegro, apenas os avanços na economia interessam. Na opinião de Montenegro, a po-

pulação está descrente dos políticos e se interessa apenas por seus problemas cotidianos. Embates como o travado por Fernando Henrique e Antonio Carlos nada significam, diz ele. Segundo a última pesquisa do instituto, 55% dos entrevistados ignoravam o rompimento do senador com o governo.

— A imagem do governo está intrinsecamente ligada à economia. As pessoas estão preocupadas em resolver seus problemas diários. Foi na crise cambial que os índices do governo começaram a cair drasticamente. Agora as avaliações começam a melhorar, mas é uma recuperação a conta-gotas — afirma.

Apesar de concordar que os fatores econômicos são cruciais, o cientista político Ricardo Guedes, diretor do Instituto Sensus, acha que o governo não pode descuidar da questão ética caso queira manter um bom desempenho nas pesquisas de opinião pública.

— É preciso apurar as denúncias de corrupção. Essa melhora é momentânea e pode não se fixar. São vários os componentes que formam a imagem de um governo: econômicos, políticos e socioculturais — diz Guedes.

Ao explicar como aspectos socioculturais podem ter influência, Guedes diz que o presi-

dente ganhou pontos no embate com Antonio Carlos. Apenas 23% dos entrevistados pelo Sensus, entre 17 e 22 de março, disseram ter acompanhado com interesse o rompimento do governo com o aliado baiano. Ainda assim, diz Guedes, o presidente foi beneficiado.

— Fernando Henrique era visto como uma pessoa de pouca ação, acomodado com as ações e declarações de Antonio Carlos. Ele mostrou atitude, demitiu ministros, acabou com o DNER. Isso foi positivo para a sua imagem — afirma Guedes.

Para cientista político, a taxa de rejeição apenas estabilizou-se

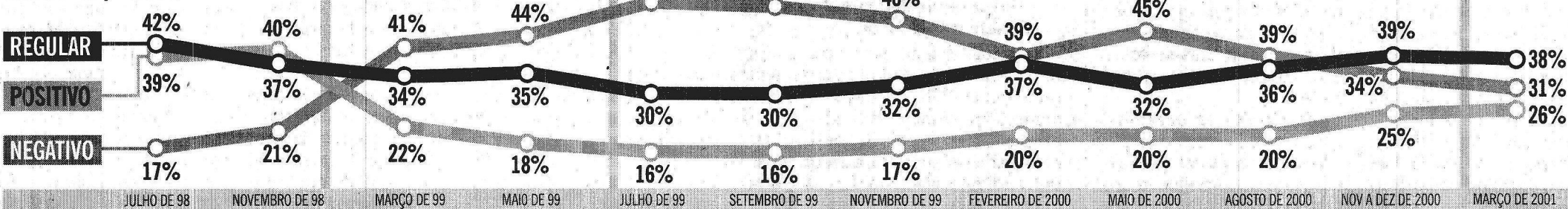
Pesquisador do IBGE e da PUC-RJ, o cientista político Antônio Carlos Alkimin também vê com reservas a melhora dos índices do governo. Na sua opinião, a taxa de rejeição do governo estabilizou-se, mas isso não garante que haverá uma recuperação da imagem do presidente nos níveis existentes até a crise cambial de janeiro de 1999:

— A variação nos índices ainda é pequena. Acho que o governo vai jogar pesado em grandes obras de alcance social e divulgar suas realizações para continuar a crescer. ■

Editoria de Arte

A aprovação ao governo FH desde meados de 98

IBOPE / CNI



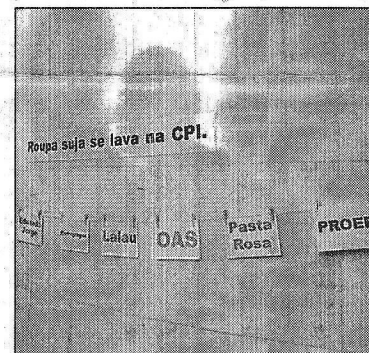
Em janeiro de 99, o Brasil vive dias de pânico com a crise cambial. O Real acumula perda recorde de 42% e o dólar chega a R\$ 2,18. O presidente nega a possibilidade de confisco e tenta acalmar a população. A crise leva à demissão de dois presidentes do BC. Esses dias turbulentos foram o divisor de águas do governo. A aprovação ao presidente despencou.



No início do segundo semestre de 99, a rejeição ao governo chega ao nível mais alto. O presidente enfrenta, em agosto, a maior manifestação contra seu governo, com a marcha da oposição sobre Brasília. Em setembro, o IBGE informa que o desemprego voltou a subir e chega a 7,7% e que o rendimento médio real dos brasileiros caiu em todos os segmentos analisados.



Apesar da crise na base aliada e das denúncias de corrupção feitas pelo senador Antônio Carlos Magalhães, o governo obtém seus maiores índices de aprovação desde o fim de 98. As pesquisas foram feitas antes da divulgação de fatos positivos, como a queda do preço da gasolina e o aumento do salário-mínimo.



SENSUS/CNT

